

O Conceito de Tempo no Pensamento Hebraico

Marivete Zanoni Kunz¹

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) (2007), Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Paraná (2000), com Integralização pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (2009), mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2006) e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2012). Pós-doutoranda na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Atualmente é professora da Faculdade Batista Pioneira, atuando principalmente na área de Antigo Testamento e Línguas Originais (Hebraico) e professora do curso de Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná. Também é editora responsável da Revista Ensaios Teológicos (ISSN 2447-4878) da Faculdade Batista Pioneira.

Resumo

O tempo é assunto presente em todo o Antigo Testamento, porém, pouco discutido na atualidade. É possível encontrar grande quantidade de material que se refere ao tempo no pensamento grego, bem como, os termos utilizados para defini-lo. Isso não acontece com o estudo atual do tempo no Antigo Testamento. Assim, este trabalho propõe uma avaliação do conceito de tempo no pensamento hebraico, apresentando a relevância da ordem temporal para a compreensão do conhecimento da história e de algumas narrativas bíblicas. A observação de alguns termos importantes, na análise do tempo, também recebe ênfase neste artigo.

Palavras-Chave: Tempo; Antigo Testamento; Pensamento Hebraico; Eternidade.

INTRODUÇÃO

No pensamento moderno a concepção de tempo é linear. Nosso pensamento se projeta para uma realização futura, não importa qual seja, esquecendo-se, em muitos momentos de observar como se dava o conhecimento do tempo em outras épocas, ou eras. Apesar disso, em muitos meios, como na filosofia moderna, acredita-se que o estudo do tempo está sendo levado mais a sério do que em outras épocas, como no período da filosofia antiga ou medieval. Entretanto, pouco se estuda o tempo passado, que é de fundamental relevância para uma melhor compreensão do passado e do futuro.

Para uma melhor compreensão do tempo é necessário acompanhar a evolução que o homem teve do mesmo. Assim, o estudo do tempo através do principal povo retratado no Antigo Testamento, o povo de Israel, dá boa direção sobre o desenvolvimento que o homem teve nesta área. O estudo será centrado no uso e no exame de termos importantes, que mostram a noção que o povo hebreu possuía sobre o tempo.

I - AS UNIDADES DE TEMPO

Existem muitos dados cronológicos em todo o Antigo Testamento. Nos livros mais antigos as datas são representadas somente através de anos, e estes não podem ser comparados com nenhum dado extrabíblico. Em alguns momentos tais problemas parecem não ter solução.

Entretanto, algumas datas podem ser, com facilidade, convertidas ao nosso calendário, como acontece com os livros de Crônicas, Jeremias, Ezequiel, Daniel e outros.²

Dockery traz a afirmação de que a interpelação bíblica não se apóia somente nos pormenores gramaticais, mas também na situação histórica, e é justamente para melhor definir a situação histórica que é preciso definir a questão cronológica. Ele cita E. A. Thiele dizendo que: “a cronologia é a espinha dorsal da história”.³ Desta forma, é extremamente importante compreender os aspectos temporais do Antigo Testamento. Entre as divisões de tempo que os Hebreus, os Babilônicos e os Mesopotâmios faziam, havia as seguintes unidades que serão aqui destacadas: o ano, o mês, a semana e o dia.⁴

1.1 O ano

O ano era contado com base nas estações que ocorriam sucessivamente segundo o ciclo solar de 365,25 dias. Pelo fato dos meses derivarem do ciclo lunar e os anos do solar, eles não mantinham sincronismo exato. Assim havia o ano lunar, que era o ano de 12 meses, e o ano solar de aproximadamente 365 dias. O ano lunar era favorável para os nômades, que deslocavam seus rebanhos de acordo com as estações; entretanto, os lavradores da Palestina e o povo do Egito e da Mesopotâmia precisavam de um calendário que tivesse harmonia com o sol. Assim, na Mesopotâmia, uma transformação linear entre os anos lunar e solar foi desenvolvida por meio do acréscimo de um mês extra, quando necessário. Essa intercalação era necessária sete vezes em dezenove anos.⁵

2 LASOR, William S. *et. al.* **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 688.

3 DOCKERY, David (edit.). **Manual bíblico Vida Nova**. Trad. Lucy Yamakami e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 78-79.

4 Daniel-Rops fala que “todo mundo em Israel estava mais ou menos familiarizado com as histórias do livro de Enoque, obra que os rabinos consideravam inspirada, mas que não foi incluída no cânon. A partir deste livro, todos sabiam que o arcanjo Uriel havia mostrado a Enoque as tábuas do céu e lhe ensinara a medir o tempo que o Senhor fez, bem como a contar os anos, os meses e os dias, atentando para os anjos que governavam o curso das estrelas. A medida do tempo tinha origem divina, enquanto a estrutura matemática de todos os acontecimentos e obras era humana”. (DANIEL-ROPS, H. **A vida diária nos tempos de Jesus**, p. 121). 5 LASOR, W. S. *Op. Cit.*, p. 689-690.

5 LASOR, W. S. *Op. Cit.*, p. 689-690.

Roland de Vaux afirma que, desde uma época muito antiga, a Mesopotâmia manteve-se fiel a um calendário lunar, onde o ano compreendia doze meses de 29 ou 30 dias, começando cada mês na noite em que se começava a ver o novo crescimento da Lua.⁶ No Egito, prevaleceu o calendário solar aproximado que contava doze meses de trinta dias, mais cinco dias extras a cada ano.⁷

Nos primeiros tempos houve competição entre o ano solar egípcio e o ano lunar usado no Oriente Próximo e nos países do Mediterrâneo. O ano lunar possuía a desvantagem de retardar-se cerca de 11 dias em relação ao solar, o que causava uma falta de correspondência entre as estações e os meses. Por isso, de tempos em tempos, a diferença precisava ser anulada, para que os meses de verão não comessem no inverno. Foi por esta razão que César, ao observar que o ano legal estava atrasado 67 dias, decretou que o ano 45 a.C. teria 445 dias e que os seguintes 365. Os egípcios, cujo ano solar possuía doze meses e trinta dias, resolveram o problema acrescentando cinco dias móveis. Os judeus aguardaram até que o erro abrangesse um mês inteiro e depois inseriram um mês extra, Veadar, entre os meses da primavera, Adar e Nisan. A intercalação deu-se de maneira empírica, baseando-se nas atividades agrícolas e no princípio que as espigas de cevada deveriam estar maduras na Páscoa. Certas passagens da Bíblia parecem insinuar que nos dias de Moisés o ano pode ter sido solar, pois, por exemplo, quando ele morreu na terra de Moabe, o luto oficial durou trinta dias. Entretanto, na época de Cristo, é absolutamente certo que o ano lunar de 354 dias estava em uso e que era tão comum que a própria palavra empregada em hebraico para “mês” também significava “lunação”. A datação dos judeus nos primeiros tempos, era baseada simplesmente numa ocorrência de destaque como “Dois anos antes do terremoto” (Am 1.1), ou a partir de um soberano reinante.⁸

Vaux confirma a posição de Daniel-Rops e Lasor, dizendo que, no Egito, primeiramente foi adotado o calendário lunar e de tempos em tempos se acrescentava um mês lunar, até que no começo do terceiro milênio a.C., para evitar reajustes arbitrários, estabeleceu-se um ano solar. O ano de 364 dias dos jubileus é um ano solar, só que contado de

6 VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003. p. 215.

7 LASOR, W. S. *et. al. Introdução ao Antigo Testamento*, p. 689-690.

8 DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Trad. Neyd Siqueira. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 121.

maneira menos exata do que o ano egípcio de 365 dias. Os israelitas, provavelmente, conheceram esse ano; isso pode ser verificado no texto de Gn 5.23; ali há a afirmação de que o patriarca Enoque viveu 365 anos. Este número, 365, representa um número perfeito e são os dias de um ano solar. De Vaux afirma ainda que não há provas de que tenha prevalecido em Israel um calendário propriamente solar.⁹ Os estudiosos acreditam que os hebreus padronizaram seu calendário de acordo com as práticas babilônicas, pelo menos na época do exílio.¹⁰

Concordando com Lasor, De Vaux fala que o sol e a lua são os sinais para marcar festas, dias e anos, bem como a contagem do tempo. O autor fala que a unidade mais fácil de ser observada era o dia, enquanto que o mês lunar não contava um número completo de dias, pois as suas lunações somavam apenas 354 dias, 8 horas e uma fração; assim, o ano lunar tinha 11 dias a menos que o solar. Desde muito cedo, no oriente, o desenvolvimento das instituições civis e religiosas, as festas culturais e os contratos estabelecidos entre indivíduos, exigiram que se fixasse a data de acontecimentos passados ou de prazos futuros. Assim, aconteceu o estabelecimento do calendário oficial, que variou de acordo com o tempo e a região.¹¹

Os hebreus ainda possuíam o ano civil e o ano sagrado. Nos tempos primitivos era a festa da colheita que marcava o fim de um ano e o início do outro. Durante o exílio babilônico os judeus adotaram o calendário designado segundo Nipur, no qual o ano começava no equinócio da primavera. Este os judeus retiveram quando voltaram para Judá, isso, por causa de suas relações internacionais. É por esta razão que havia dois anos legais. O religioso, que iniciava no outono, no primeiro dia de Tisri, e era festejado com muita alegria, e o civil, que começava sete meses antes.¹²

1.2 O mês

O mês era determinado pelos movimentos da lua. Ele começava com a lua nova. Pelo fato da lua ter o ciclo de 29,5 dias, os meses tinham alternadamente 29 e 30 dias.¹³ De Vaux complementa, dizendo que os egípcios contavam o mês lunar a partir da manhã em que desaparecia

9 VAUX, R. De Op. Cit., p. 214-226.

10 LASOR, W. S. et. al. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 689-690.

11 VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 214.

12 DANIEL-ROPS, H. *A vida diária nos tempos de Jesus*, p. 121.

13 LASOR, W. S. et. al. *Op. Cit.*, p. 689-690..

o último quarto da lua precedente. Os babilônicos começavam a contar o mês com a aparição do crescente da lua nova ao pôr-do-sol. É muito provável que os israelitas tenham seguido o uso egípcio para determinar o começo do mês, mas não se pode afirmar com certeza. O que é certo, é que os israelitas seguiam o mês lunar.¹⁴

Os cananeus, designaram o mês pela palavra *yerah*, que significa lua. Porém é mais frequente chamar o mês *hodes* que significa lua nova.¹⁵ Dockery confirma isto, dizendo que a importância da lua, para a análise dos calendários, pode ser vista através do uso das palavras *yerah* que significa lua e também mês, bem como através da palavra *hodes*, que significa lua nova e mês.¹⁶

A sucessão dos meses no ano, começando com a primavera, segundo De Vaux, era a seguinte:¹⁷

Mês	Ano Sagrado	Ano Civil	Equivalência
Nisan	1º	7º	março a abril
Iyyar	2º	8º	abril a maio
Sivan	3º	9º	maio a junho
Tammuz	4º	10º	junho a julho
Ab	5º	11º	julho a agosto
Elul	6º	12º	agosto a setembro
Tishri	7º	1º	setembro a outubro
Masrhashavam	8º	2º	outubro a novembro
Kisle	9º	3º	novembro a dezembro
Tebet	10º	4º	dezembro a janeiro
Shebat	11º	5º	janeiro a fevereiro
Adar	12º	6º	fevereiro a março
Veadar ¹⁸	mês intercalar		

14 DOCKERY, D. (edit.). **Manual bíblico Vida Nova**, p. 81.

15 VAUX, R. *Op. Cit.*, p. 219-220.

16 DOCKERY, D. (edit.). **Manual bíblico Vida Nova**, p. 81.

17 VAUX, R. De. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**, p. 222.

18 Veadar. Este mês era acrescentado, quando fosse necessário, para alinhar o ano lunar ao solar. Esta intercalação é feita sete vezes em dezoito anos e era provavelmente decretada pelo sacerdote ou rei. (LASOR, W. S. *et. al.* Introdução ao Antigo Testamento, p.690.

1.3 A semana

A unidade inferior ao mês, que é bem documentada, é o período de sete dias, *sabû'a*, a semana. As origens são muito obscuras. Daniel-Rops fala que em Israel ninguém duvidava de sua antigüidade e nem de seu começo divino. Os sete dias da criação foram os arquétipos dos sete dias da semana. No período de Abraão já se conhecia a semana. O autor comenta que parece ter sido Moisés quem deu a forma final para a semana, unindo os seus dias com os dias da criação e o sétimo dia com o dia de descanso do Senhor. Parece que um jogo de palavras ajudou nisso; a raiz *b* lida como *sabua*, que correspondia ao número sete, era bem semelhante à raiz *sbt*, que significava “parar de trabalhar”, sendo lida *sabbat*. A semana, desta forma, se compunha do espaço de tempo entre dois *sabbaths*.¹⁹ Boyer afirma que os nomes dos dias da semana foram dados pelos caldeus, mas foram os hebreus que designaram os dias da semana, através dos números, exceto o sábado.²⁰

1.4 O dia

O termo hebraico usado para dia é *yom*. Ele seria o oposto à noite; data; tempo; etapa; época (duração de vida). Duração absoluta ou em relação a um limite; periodicidade, presente, passado e futuro.²¹

O dia começava com o pôr-do-sol, ou com o aparecimento da primeira estrela. Um dia estendia-se de uma noite para o período seguinte com a luz; isto significa que abrangia partes de dois dias no sentido moderno. É por esta razão que os estudiosos costumavam usar uma data dupla, “6/7 de junho”, ou seja, o dia que começa na noite do sexto dia terminava ao pôr-do-sol do sétimo.²²

Vaux afirma que o calendário (dia) israelita, ao longo de sua história sofreu diversas influências. Em Israel, durante longo tempo, contou-se o dia de manhã a manhã. A indicação para um dia de 24 horas era “dia e noite”, como nos casos de Dt 28.66-67; 1 Sm 30.12; Is 28.19; Jr 33.20. Isso sugere que o dia era contado a partir da manhã, e foi uma manhã quando, com a criação da luz, começou a distinção do dia e da noite, e do tempo

19 DANIEL-ROPS, H. *A vida diária nos tempos de Jesus*, p. 124.

20 BOYER, O. S. *Pequena enciclopédia bíblica*, 7.ed. São Paulo: Vida, 1994. p.198.

21 SCHÖKEL, L. Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. Trad. Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997. p. 271.

22 LASOR, W. S. *et. al. Introdução ao Antigo Testamento*, p. 689-690.

(Gn 1.3-5, 14, 16, 18). Na opinião de Vaux, tirou-se a conclusão contrária da expressão “Houve tarde e houve manhã, primeiro, segundo...dia”; mas esta fórmula que é usada depois de cada obra, é feita enquanto há luz.²³

O dia era dividido de maneira imprecisa segundo os fenômenos naturais: a manhã e a tarde (Ex 18.13), o meio-dia (Gn 43.16.25), a aurora (Gn 19.15), o pôr-do-sol (Gn 15.12-17), a brisa que soprava antes do nascer do sol (Ct 2.17), a brisa da tarde (Gn 3.8), o maior calor do dia (Gn 18.1).²⁴ Os hebreus, ao invés de designar as horas do dia, como foi feito mais tarde, dividiram o dia em manhã, meio-dia e tarde; sendo que a manhã era até as 10 horas, o calor do dia até as 2 horas da tarde (Gn 18.1); a viração do dia acontecia às 6 horas da tarde (Gn 3.8). O nosso dia de 24 horas, divididas em 60 minutos, e esses em 60 segundos, originou-se com o sistema sexagesimal dos sumerianos, que habitavam o vale do Eufrates, antes dos semitas amorreus. Foi depois do exílio que os judeus dividiram o dia em 12 horas, desde o nascer até o pôr-do-sol.²⁵ Gay concorda que as horas são determinadas entre a aurora e o pôr-do-sol (Gn 1.5,16,18) e o dia é usado para indicar a aurora (Js 6.15).²⁶

As nações sempre acharam difícil determinar exatamente quando o dia deve começar; algumas diziam que era de madrugada, outras ao meio-dia. Em Israel o costume era fazer com que o dia terminasse e começasse um outro, no momento em que o sol se punha. A divisão do dia em horas era recente em Israel, pois a própria palavra não é encontrada no Antigo Testamento, exceto no Livro de Daniel, onde é interpretado como momento.²⁷ Nos registros da história mais antiga do homem, a palavra “dia” veio a associar-se com dias especiais consagrados por pertencerem a Iavé (Gn 2.3; Ex 20.8-11, 12, 14, 16; Lv 29.31). No conceito veterotestamentário, os dias também eram designados para o julgamento do pecado em nações ou indivíduos (Is 2.12; 13.9-11; Sf 1.14-18), também tinham fins de salvação, defesa ou restauração dos escolhidos de Deus (Gn 7.10-13; Mq 2.12).²⁸

A noite era dividida em três vigílias: talvez, a primeira (Lm 2.19), a da

23 VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 217.

24 *Ibidem*, p. 219.

25 BOYER, O. S. *Pequena enciclopédia bíblica*, p. 603.

26 GAY, G. A. Dia. In: ELWELL, Walter A. (edit.). *Enciclopédia histórico teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. I, p. 458.

27 DANIEL-ROPS, H. *A vida diária nos tempos de Jesus*, p. 125.

28 GAY, G. A. *Op. Cit.*, Vol. I, p. 458.

meia-noite (Jz 7.19), a última ou a da manhã (Ex 14.24).²⁹ Não se conhece termo que indique as divisões menores do tempo. Entretanto, os israelitas tinham meios para conhecer as horas do dia. A escadaria de Acaz, que devido à oração de Isaías recua dez degraus (2 Rs 20.9-11), mostra isso.³⁰

Um dos aspectos que os estudiosos abordam sobre a questão “dia”, é o tempo do dia da criação. Algumas teorias têm sido desenvolvidas por estudiosos cristãos sobre este assunto, para procurar harmonizar a narrativa bíblica. Entre elas está a teoria da criação progressiva. Nesta teoria os dias representam períodos em um lapso indefinido nos quais Deus realizou sua obra criadora. Esta teoria procura notar que a Bíblia não declara a duração de cada dia, e que o termo “dia” nem sempre se refere a um período de vinte e quatro horas. Seu uso em (Gn 2.4), poder referir-se a um período de tempo curto ou extenso, em que leva a cabo determinada atividade. Outra teoria apresentada é a da alternância dia-era. Nesta, os dias foram períodos de vinte e quatro horas, ou curtos lapsos de tempo, separados por vastas eras geológicas. Nestes períodos curtos, chamados dias, ocorreu a atividade criadora.³¹ A partir de Gênesis capítulo um, Walton também faz a citação de algumas teorias do tempo. A primeira é a teoria que interpreta dia como 24 horas. Esta teoria vê o significado de dia como 24 horas; por isso, os acontecimentos de Gênesis 1 são seqüenciais e literais. A segunda teoria interpreta dia como período de tempo, era. Esta teoria vê o significado de dia como “Dia = era”; por isso, vê a criação se desenvolvendo através de seis eras. A terceira teoria, chamada “Abordagem Literária”, vê a seqüência de sete dias como uma forma de estruturação de Gênesis um; por isso, o termo dia é orientado em função da teologia do sábado. A quarta teoria é a da “Criação Prévia”. Nesta teoria há a sugestão da existência de um mundo criado antes de Gênesis capítulo 1; por isso, o significado de dia é de 24 horas. A quinta teoria é a das “Duas fases”. Nesta teoria há duas distinções da criação, onde o capítulo um e dois de Gênesis se separam por um longo período; por isso, qualquer significado é possível.³²

29 DANIEL-ROPS, H. *Op. Cit.*, p. 125.

30 VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 219.

31 HOFF, Paul. *O Pentateuco*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2000. p. 25.

32 WALTON, John H. *O Antigo Testamento em quadros*. Trad. William Lacy Lane. São Paulo: Vida, 2001. p. 97.

II – O CONCEITO DE TEMPO

A consciência que o homem tem sobre a vida ser passageira não procede, como se poderia pensar, do cansaço que se adquire através dos dias e anos, e nem da sua visão do mundo, antes, esta consciência vem pela ideia da eternidade de Deus, que o homem possui.³³ A vida do povo de Israel tem muito a contribuir para a compreensão da procedência desta consciência. É preciso, entretanto, observar alguns aspectos desta nação.

É importante, quando se fala da descrição do pensamento dos antigos e de Israel sobre o tempo, não omitir o significado das festas. Era através delas, e pelo seu alternar, que a vida deles se situava no tempo. Primitivamente o ritmo das festas era determinado pela ordem natural do ano na Palestina. O calendário era a expressão de uma religião agrícola que concebia a sementeira e a colheita como acontecimentos sagrados. É preciso, entretanto, compreender que, para as pessoas que ignoravam a ideia de um tempo linear, estas festas eram dias dos quais se poderia dizer que fora Iavé que os fizera, e que também era um tempo de alegria instituído por Iavé. Também é preciso compreender que não foi por um raciocínio filosófico nem mitológico que Israel adquiriu a visão duma continuidade histórica linear. Esta ideia de continuidade foi edificada lentamente pela soma dos atos salvadores de Deus. Isso aconteceu no dia em que Israel reconheceu que não estava fundado sobre um único acontecimento, mas estava precedido de um longo caminho.³⁴ Os “dias” da atividade divina deveriam ser perpetuados na memória mediante a observação de rituais. No pensamento hebraico, as celebrações estavam inseparavelmente relacionadas com os acontecimentos.³⁵

Os sistemas de contagens do tempo e a elaboração do calendário hebreu, e de alguns povos como os babilônicos e os mesopotâmios, possuíam algumas divisões baseadas na observação dos fenômenos celestes, exatamente como são na atualidade; por isso, é possível afirmar que a contagem do tempo que os hebreus faziam era igual a dos tempos modernos.³⁶ Entretanto, von Rad fala que os exegetas antigos ingenuamente supunham que Israel partilhava

33 WEISER, Artur. Os Salmos. Trad. Edwino A. Royer e João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994. p. 455.

34 RAD, Gerhard Von. **Teologia do Antigo Testamento**. Trad. Francisco Catão. São Paulo: ASTE, 1986. Vol. II. p. 101-104.

35 DOCKERY, D. (edit.). Manual bíblico Vida Nova, p. 79.

36 LASOR, W. S. *et. al.* **Introdução ao Antigo Testamento**, p. 689.

sua concepção ocidental e cristã de tempo. Para von Rad, Israel viveu aquilo que chamamos de “tempo”, de forma muito diferente do nosso, pois Israel não conhecia a noção de tempo absoluto, ou seja, a linha do tempo que possui um centro, o presente, a partir do qual se estende para trás, o passado, e para frente, o futuro. Este, para von Rad, é um dos poucos aspectos sobre o qual dá para se ter certeza.³⁷

Cressey afirma que, embora os hebreus tivessem meios de medir a passagem do tempo (calendário), não tinham vocábulo para o tempo cronológico abstrato. Entretanto, eles apresentavam palavras para tempo e estação no sentido de um tempo certo, marcado, e entre elas encontrase *'et, zemân e mô'edh*.³⁸ Andersen concorda com esta posição.³⁹ Os dois primeiros termos seriam as palavras mais comuns e tinham o mesmo sentido. O terceiro termo significava “apontar” e era usado para designar períodos naturais como lua nova e festividades. Neste ponto, Cressey tem a mesma opinião que Von Rad, quando diz que a Bíblia destaca não a continuidade abstrata do tempo, mas o conteúdo dado por Deus de certos momentos da história. Este ponto de vista é chamado linear e contrasta com o ponto de vista cíclico comum antigo. Contudo, é importante observar que o ponto de vista bíblico sobre o tempo “linear” não acontece com uma sucessão de acontecimentos, pois a Bíblia salienta “tempos” para os pontos nos quais Deus faz avançar os seus propósitos.⁴⁰

O fato de, para os hebreus, a ideia de tempo estar intimamente relacionada com os atos de Deus e com a resposta dos seres humanos diante deles, fazia que, com poucas exceções, a visão bíblica do tempo não fosse nem abstrata nem cíclica. E, é por este motivo que a principal palavra que equivale a tempo é “dia”.⁴¹ A preocupação com o tempo designado por Deus pode ser vista nos dois Testamentos. É por isso que a Bíblia dá mais ênfase ao conteúdo dado por Deus de certos momentos da história do que à continuidade abstrata do tempo. O motivo que levava os hebreus a terem um conceito de tempo em linha progressiva, diferente

37 RAD, G. V. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 97.

38 CRESSEY, M. H. Tempo. In: DOUGLAS, J. D. (edit.). **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 1576.

39 ANDERSEN, Francis I. Jó. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 100.

40 CRESSEY, M. H. *Op. Cit.*, p. 1577-1578.

41 DOCKERY, D. (edit.). **Manual bíblico Vida Nova**, p. 79.

de outras nações que viam o tempo como um ciclo que se repetia, eram os propósitos de Deus.⁴²

Alguns termos são usados para definir o conceito de tempo no Antigo Testamento, entre eles os mais importantes, que serão analisados abaixo, são: ‘*olām*, *yom*, *mô’ed*,’*et*.

2.1 עולם (‘*olām*)

Macrae define o termo como “para sempre, eterno, para todo o sempre, perpétuo, antigo, mundo”. Ele afirma que a palavra é usada mais de 300 vezes para indicar um prosseguimento indefinido até o futuro distante. Entretanto, o significado da palavra não se restringe ao futuro. Existem no mínimo 20 casos onde a palavra ‘*olām*, se refere ao passado. Macrae afirma que estas passagens se referem a um passado remoto, mas nunca designam um passado sem fim. No texto de Dt 32.7, o vocábulo se refere à época dos antepassados; em Is 58.12 e em Mq 7.14, o vocábulo se refere a época logo antes do exílio; em Is 51.9, refere-se aos acontecimentos da saída do Egito. Assim, cada um dos textos apontam para uma época muito anterior ao conhecimento daqueles que viviam no referido contexto. Macrae cita Jenni que defende o termo como tendo sentido básico de “tempos mais remotos”, indicando tanto o passado longínquo, quanto o futuro distante. Isso, porque a palavra não ocorre independentemente, antes, sempre acompanhada de preposições que indicam direções.⁴³

Henry é da opinião de que um dos problemas mais discutidos da filosofia é o fato da Bíblia apresentar um conceito diversificado do tempo, refletindo no Novo Testamento, especialmente, pelo uso dos termos *kairos* e *aiōn*, onde o tempo é visto como uma esfera criada, onde o plano de Deus é concretizado.⁴⁴

‘*Olām*, no Antigo Testamento, é o equivalente ao termo *aiōn* no Novo Testamento. *Aiōn* é uma designação para um longo período de tempo.

42 WILLIAMS, D. (edit.). Dicionário bíblico Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 360.

43 MACRAE, A. A. עולם (‘*olām*). In: HARRIS, R. Laird. *et. al.* Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1126-1127.

44 HENRY, C. F. H. Tempo. In: ELWELL, W. A. (edit.). Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. Vol. III, p. 440.

Quando usado com referência ao passado, denota a antiguidade remota, o passado distante, e quando relacionado ao futuro pode assumir o significado de “eternidade”. Devido este termo poder ser utilizado para designar o “tempo” que a pessoa viveu ou ainda viverá, pareceu apropriado para os filósofos empregá-lo tanto para o passado, como para o futuro, ou para a eternidade. Assim, *aiōn* ficou sendo o equivalente, mais de 450 vezes, da palavra ‘*olām*, longo tempo, para sempre. Em alguns casos, entende-se pela totalidade da vida de um homem, isso devido alguns casos no Antigo Testamento denotarem “duração de vida”, a exemplo de Dt 15.17; Ex 21.6. Nestes casos, tudo chega ao fim com a morte da pessoa. Isso explica porque ‘*olām* é capaz de não somente designar tempo futuro (Gn 13.15; Ex 14.13), mas, também, a antiguidade remota (Gn 6.4; Dt 32.7). Porém, ainda há tendências para conceitos abstratos da eternidade (Sl 9.6). No Antigo Testamento, os termos ‘*olām* e *aiōn* (na LXX) sempre mantêm o relacionamento entre o tempo de vida; por isso, a ideia de que o tempo da eternidade é o tempo em que Deus vive, não corresponde exatamente ao conceito veterotestamentário.⁴⁵ Macrae concorda com esta posição e acrescenta que as duas palavras vieram a ser usadas para designar uma longa era ou período. Está ideia é, às vezes, expressada em português mediante a palavra “século”.⁴⁶

Von Rad afirma que o hebraico não possuiu nem mesmo uma palavra que exprima o nosso conceito ocidental de “tempo”, exceto a palavra ‘*olām*, que designa o passado e o futuro longínquos.⁴⁷ Schökel define o termo ‘*olām* como tempo ou duração indefinida ou incalculável. Seria a duração ilimitada, podendo se referir a uma medida do passado, ou do futuro.⁴⁸

Cressey define as palavras ‘*adh* e ‘*olām* para designar períodos onde limites em uma direção não estão fixados, como a duração da vida de um homem. Esses termos são aplicados a Deus devido ele não ter seu ser limitado por qualquer tempo. Esses termos equivalem ao vocábulo *aiōn* no Novo Testamento, onde os termos podem ser usados para indicar uma vida inteira ou um tempo indefinido no passado ou futuro. Foi

45 GUHRT, J. Tempo. In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2452-2454.

46 MACRAE, A. A. אֵלֶּם ('*olām*). In: HARRIS, R. L. *et. al.* **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**, p. 1126-1127.

47 RAD, G. V. **Teologia do Antigo Testamento**, p. 98.

48 SCHÖKEL, L. A. **Dicionário bíblico hebraico - português**, p. 483.

somente no começo do judaísmo rabínico, que houve o uso completamente novo de *‘olām*, no qual as declarações do Antigo Testamento a respeito do tempo primeiro e final são sistematizados, em doutrina dos dois mundos, onde o fator que permanece é Deus ser o Senhor deste mundo, bem como daquele que passou.⁴⁹

2.2 יוֹם (yom)

Schökel afirma que este termo é o oposto à noite. Também é usado como data; tempo; etapa; época; duração de vida. Este termo também serve para formar múltiplas expressões temporais que significam anterioridade, posterioridade ou simultaneidade. Schökel afirma que muitas vezes a equivalência em português omite “dia”.⁵⁰ O termo designa também existência, ano, hoje.⁵¹ Coppes afirma que “yom” é o mais importante conceito de tempo no Antigo Testamento. Por este conceito, pode-se expressar tanto um instante como um período de tempo. Ele pode denotar o período de iluminação natural em contraste com a escuridão; o período de 24 horas; a ideia de infinidade; um instante; um período de um ano. O mesmo autor fala ainda que, por dia, também são traduzidas as palavras “’or” e “bōqer”.⁵²

É freqüentemente o equivalente a *chronos* que denota expansão quantitativa e linear de tempo, um espaço ou período de tempo.⁵³ Hahn afirma que o termo *chronos* aparece, mas, é raro na LXX, e freqüentemente serve para traduzir “yom”, sendo ainda que às vezes é usado como sinônimo de *hōra* e *kairos*, denotando um “ponto de tempo” (Ne 10.34; 13.31). Geralmente, significa uma expansão maior de tempo, um decurso de tempo. A ideia era de um período de tempo inconcebivelmente longo, mas nunca de uma eternidade. Para o israelita, o tempo *chronos* dizia respeito ao modo de Iavé tratar com seu povo ou os representantes deste. É o tempo descrito como o tempo dos pais, de Noé, de Abraão (Gn 25.1). Hahn afirma que os profetas fixaram os olhos nos tempos futuros (Is

49 CRESSEY, M. H. Tempo. In: DOUGLAS, J. D. (edit.). **O novo dicionário da Bíblia**, p. 1578-1579.

50 SCHÖKEL, L. A. **Dicionário bíblico hebraico - português**, p. 271.

51 KIRST, N. *et. al.* **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**, p. 87.

52 COPPES, L. J. יוֹם (yom). In: HARRIS, R. L. *et. al.* **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**, p. 1141-1142.

53 GUHRT, J. Tempo. In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**, p. 2452.

13.20; 14.20), e isso aconteceu através do uso do conceito *chronos*.⁵⁴

2.3 עֵת ('et)

O hebraico não possuiu nem mesmo uma palavra que exprima o nosso conceito ocidental de “tempo”, entretanto, o termo mais significativo para se considerar é a palavra “’et”, que tem seu significado por tempo no sentido de “momento”, “período”. Há exemplos nos textos de Mq 5.2, onde fala de um tempo para dar a luz, de Gn 29.7, que fala do tempo para conduzir o rebanho ao redil, de Sl 1.3, que fala dos frutos que a árvore produz em seu tempo. Este termo, para von Rad, significa que todo acontecimento obedece a uma ordem determinada de tempo. Não há dificuldades de se pensar nisso quando os acontecimentos estão ligados a natureza, entretanto, os antigos pensavam que esta ordem de tempo presidisse todas as ações humanas, até mesmo os sentimentos interiores. Diante dessa concepção, era necessário os antigos usarem de grande sabedoria para não faltar ao tempo designado para as coisas e para as ações.⁵⁵ Coppes concorda com o pensamento de von Rad e ainda afirma que o termo “’et” também equivale ao *kairos*⁵⁶ Coppes define o termo tendo por sentido básico o tempo visto como uma oportunidade ou uma estação. Esta palavra pode designar períodos de tempo, e é usada para indicar pontos específicos no tempo, como uma hora determinada do dia (Ex 9.18; Js 11.6). O termo ainda é usado para indicar um período curto como o final da tarde (Gn 21.11). Também pode indicar um período longo de tempo (1 Cr 21.29). Desta forma, Coppes afirma que o termo é aplicado para designar, entre outras coisas, acontecimentos usuais e regulares como chuva (Ed 10.13), colheita (Jr 50.16); acontecimentos que não se repetem, tais como morte (Ec 7.17), e momentos e períodos fixos e determinados (1Cr 9.25).⁵⁷ O termo é ainda designado como momento, época.⁵⁸ Schökel concorda com Kirst e Coppes, e ainda acrescenta o termo como idade, prazo, oportunidade, circunstância,

54 HAHN, H.C. Tempo. In: COENEN, L.; BROWN, C. *Op. Cit.*, 2467.

55 RAD, G.V. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 98.

56 COPPES, L. J. עֵת (*yom*). In: HARRIS, R. L. *et. al.* Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, p. 1141.

57 COPPES, L. J. *Op. Cit.*, p. 604.

58 KIRST, N. *et. al.* Dicionário hebraico-português e aramaico-português, p. 190.

temporada, etc.⁵⁹

Hahn afirma que o 'et é o equivalente a kairós, cerca de 198 vezes. Ele também afirma que este termo é definido como “um ponto no tempo”, “momento”. Também pode ter um sentido de “localidade” ou “lugar apropriado”. O termo caracteriza uma situação que exige decisão.⁶⁰ No Antigo Testamento, este termo ocorre cerca de 37 vezes mais frequentemente que o *yom* que é o equivalente a *chronos*. Hahn lembra que mesmo o termo sendo usado com frequência para designações temporais exatas (Gn 17.23, 26; 18.10), ou mais gerais (Jz 11.26; 14.4), também ajuda a ilustrar o modo vétero-testamentário de entender o tempo. O Criador criou a totalidade do tempo e o preenche de acordo com sua vontade, e, também fixa o 'et, ou o *kairós* individual (Gn 1.14). O Senhor também aloca a duração da vida, determina o nascimento (Mq 5.3), e a morte (Ec 7.17). Apesar de na aflição não ser fácil sustentar que Deus é o doador dos tempos, o israelita que permanecia dentro da aliança não permitia que seu relacionamento com Deus fosse rompido (Sl 32.6). A confiança no momento específico de um ato salvífico de Deus era fundamentada nas experiências da história de Israel. Especialmente nos livros históricos do Antigo Testamento, o termo *kairós* (na LXX) é frequentemente achado com a função de chamar a atenção à atividade de Deus na história da nação israelita.⁶¹

2.4 מועד (*mô'ed*)

Schökel define o termo como encontro marcado, entrevista, reunião, acordo, convênio, prazo, ponto, estação, festividade, solenidade.⁶² Kirst concorda com a definição feita por Schökel.⁶³

Lewis afirma que este vocábulo ocorre 223 vezes. Frequentemente ele designa tempo ou local determinado sem maior atenção para o propósito desse tempo ou local. Pode ser época para o nascimento de uma criança (Gn 17.21), a vinda de uma praga (Ex 9.5), a estação migratória de uma ave (Jr 8.7), um tempo combinado (1 Sm 13.8), o momento de cumprir uma visão (Hc 2.3), os tempos do fim (Dn 8.19), ou a época de festas (Lv

59 SCHÖKEL, L. A. **Dicionário bíblico hebraico-português**, p. 525.

60 HAHN, H. C. Tempo. In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**, p. 2459.

61 HAHN, H. C. *Op. Cit.*, 2459-2461.

62 SCHÖKEL, L. A. **Dicionário bíblico hebraico-português**, p. 360.

63 KIRST, N. *et. al. Op. Cit.*, p. 118.

23.2) e solenidades (Dt 31.10). Lewis comenta que quanto ele aparece junto com *hag* deve-se imaginar *mô'ed* como uma palavra de amplo uso, indicando todas as assembléias religiosas. O termo também é um sinal combinado (Jz 20.38), mediante o qual os homens deveriam agir. *Mô'ed* ainda designa um conselho (Nm 16.2, eleitos), e também era a assembléia adoradora do povo de Deus (Sl 74.4).⁶⁴

CONCLUSÃO

Muitos filósofos cristãos falam que a linguagem de tempo na Bíblia aponta para certos aspectos do Ser de Deus, que na filosofia podem ser melhor expressos em termos de uma eternidade de algum modo qualitativamente diferente do tempo. Outros têm afirmado que qualquer discussão sobre o Ser de Deus como sendo fora do tempo não é bíblica, visto que nossa linguagem faz referência ao tempo e que não podemos falar sobre um ser que viva fora do tempo, sem o risco de abstraí-lo, de tal modo que seja impossível pensar que ele exerça qualquer influência direta no mundo.⁶⁵

Embora os hebreus não tivessem um vocábulo para a designação do tempo cronológico abstrato e nem cíclico, o tempo existia e era designado através das coisas da natureza, como a lua nova. Não há dúvidas que a compreensão do tempo no Antigo Testamento é fundamental para a compreensão da própria história do mesmo. Entender o pensamento que o povo hebreu tinha do tempo, traz luz para a compreensão de suas vidas no cotidiano, bem como, no decorrer das eras. A vida, em termos de atitudes do povo, era alterada ou não, através da compreensão que eles tinham do tempo. O calendário usado por eles expressava muito daquilo que eles conheciam em termos de plantio e colheita, que era fundamental para sobrevivência do povo, bem como em termos de religião. O calendário revelava a vida religiosa do povo hebreu. Mostra ainda que Iavé agiu nos tempos antigos, e, os mais velhos, ensinavam isso aos seus descendentes através dos momentos, ou dos dias em que aconteciam os rituais e as festividades. Os dias festivos, as celebrações relacionavam-se aos acontecimentos de Deus na história de seu povo.

64 LEWIS, J. P. מועד (*Môed*). In: HARRIS, R. L. et. al. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**, p. 635-636.

65 CRESSEY, M. H. Tempo. In: DOUGLAS, J. D (edit.). **O novo dicionário da Bíblia**, p. 1579.

O termo *'olãm* é usado principalmente para a definição daquilo que está relacionado com o eterno, mas o uso deste termo não se restringe apenas ao futuro; em alguns casos, pode referir-se ao passado. O termo designa um longo período de tempo, com uma duração indefinida, incalculável, ou seja, ilimitada. O termo *yom* pode formar múltiplas expressões por isso, este termo poderá vir a ser tanto um instante como um período de tempo mais longo. O termo *'et*, designa tempo no sentido de momento, mas também pode indicar um longo período. O termo *mô'ed* é mais usado para designar tempo localizado.

Assim, conclui-se que o tempo está em Deus, por isso, como fala Strong, citando Solly, “Deus olha através do tempo e nós olhamos através do espaço”.⁶⁶ Desta forma o tempo é o nosso limite entre o passado, presente e futuro, enquanto, que para Deus, como fala Strong o passado, presente e futuro são “um eterno agora”, isso porque ele vê o passado e o futuro tão vívidos como o presente.⁶⁷ O tempo é importante para a compreensão do processo histórico, e, também, para a compreensão de que, qualquer que seja a verdade nesse assunto, Deus é Senhor do tempo em todas as suas formas.

66 STRONG, Augustus. Hopkins. **Teologia Sistemática**. Trad. Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 412.

67 Ibidem, p. 413-415.